

MOVIMENTO E AÇÃO DE IRACEMAS E DANDARAS

Francisco Silva Cavalcante Junior¹

*E virou pássaro, um pássaro qualquer
Mas ser qualquer, qualquer não queria
De qualquer céu, qualquer freguesia
De acasalar com qualquer cotovia
E virou pássaro, um pássaro qualquer
Filho da lua, da noite e do dia
Bico de nuvem, asa de ventania
Qualquer cantava qualquer melodia
Qualquer virou um pássaro vadio
Sem canto, sem profissão
Sem canto, sem moradia
Qualquer estado civil lhe cabia
Mas ser qualquer, qualquer não queria
E desvirou e virou luz do dia.*

Arlindo Araújo²

Os afetos que atravessam as feituuras somaestéticas³ – formas de escrita aberta, livre, poética e artística – são o somatório dos transbordamentos de um

¹ Professor do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC), pós-doutor em Comunicação e Produção Literária pela Universidade de Brasília, Ph.D. em Leitura e Escrita pela University of New Hampshire, cavalcante@ufc.br.

² Músico e poeta cearense.

³ Para conhecer sobre a gênese e o gênero literário de *feituuras somaestéticas*, recomendo a leitura de Francisco Silva Cavalcante Junior, *Travessias de cigano: feituuras e feitiços*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2017.

escritor que aprende como corpo-cigano em travessia, “como atravessamento, como percurso”⁴:

Aprender é lançar-se ao rio, buscando, a nado, atravessar de uma margem a outra. Mas o que importa é lançar-se ao movimento, partir, iniciar o processo. É a travessia que conta, muito mais do que a chegada. E essa travessia é mistura, é mestiçagem, encontro fundamental com o outro, mas especialmente o processo de misturar-se com ele, confundir-se com ele. [...] produzir misturas e mestiçagens, lançar-se à aventura do desconhecido para, dela, surgir renovado.

Feituras somaestéticas são palavras que se propagam, que se proliferam e se reinventam no próprio tempo da escrita, que nascem da experimentação da vida e por ela o corpo se deixa ser tocado “como se de dentro”⁵, dessa malha de textualidade que reclama o fluxo vital de quem escreve esteticamente⁶. As feituras somaestéticas são escritas com todas as vozes que acompanham o escritor, com a liberdade de quem tem a “necessidade orgânica”⁷ de escrever, de quem tem fome de palavras encarnadas – essa forma de movimento para quem busca compreender e experimentar o que se vive.

Ao se apropriar das “coisas do mundo” o escritor é apresentado aos “momentos de intensidade”, aqueles momentos que o ajudam “a recuperar a dimensão espacial e a dimensão corpórea da [sua] existência”⁸. São nesses momentos que ele vivencia a sensação de “estar-no-mundo, no sentido de fazer parte de um mundo físico de coisas”⁹, onde ele e o mundo são um só corpo, cuja literalidade da presença cresce nele, ganha volume e ocupa o espaço da

⁴ Sílvio Gallo, Apresentação. *Pro-Posições*, 26 (1), jan./abr. 2015, p. 238.

⁵ Hans Ulrich Gumbrecht, *Atmosfera, ambiência, stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Rio de Janeiro: EDPUC-Rio, 2014, p. 32.

⁶ Jean-Luc Nancy, *Arquívada: do senciante e do sentido*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

⁷ Gonçalo M. Tavares em José Eduardo Gonçalves (Org.). *Ofício da palavra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 180.

⁸ *Ibid.*, p. 145.

⁹ *Ibid.*, p. 146.

escrita. Ademais, sabemos que a “literatura é alquímica”, conforme pondera João Anzanello Carrascoza¹⁰, e com ela a palavra se transmuta em imagem e quanto mais verdadeira e simples, mais potente ela se torna.

{...}

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— *Iracema!*¹¹

{...}

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da

¹⁰ “Bate-papo com Bartolomeu Campos de Queirós e João Luiz Anzanello Carrascoza”. In: Célia Belmiro, Francisca Maciel, Mônica Baptista e Aracy Martins (Orgs.). *Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2014, p. 64.

¹¹ Trechos extraídos do romance *Iracema: Lenda do Ceará*, de José de Alencar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 95-96.

*graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.*¹²

{...}

Em longos e esvoaçantes vestidos vermelhos encarnados, com decotes sensuais, exuberantemente ornamentadas com bijuterias reluzentes, e sobre saltos pretos Luís XV, Iracemas e Dandaras caminham pelas ruas da cidade.

{...}

Elas são belas e cheias de graça. Os seus balançados lembram as ondas dos verdes mares bravios em corpos cansados dos dias de amargura.

{...}

Iracemas e Dandaras são assim desde criança. Na adolescência assumiram-se em seus corpos diferentes. Na vida adulta querem somente ser quem elas são. Não desejam o mal. Simplesmente amam o que lhes é natural.

{...}

Em seus vermelhos encarnados sentem-se bonitas e gostosas. São desejadas por homens e mulheres que as devoram com seus olhares ou desejam ser por elas possuídos. Alguns dizem que são perigosas, que carregam venenos nos seus lábios de fel. Fantasiam que com elas podem viver o fogo da paixão e serem

¹² Ibid., p. 99.

enlouquecidos de prazer.

{...}

Os seus clientes, como assim são chamados, são oriundos de todas as classes sociais, gêneros e orientações sexuais. Seus corpos servem a qualquer um. Para alguns, servem de rainhas e para outros, a meretriz que sempre desejaram possuir.

{...}

Poucos entendem que elas são de carne e osso, humanamente iguais. Elas têm corpo, carne, osso, sangue, olhos, dentes, mão, pé, língua, peito, coxa, nuca, rosto, pele, braço, perna, dedo, unha, pelo, veias, suor, cu, alma e coração, como qualquer um.

{...}

Uma noite, ele foi convidado por alguns colegas para um programa que, foi-lhe dito, ele “adoraria”: passar de carro por ruas semidesertas e jogar laranjas nas prostitutas travestis que esperavam clientes.

*Pedras para machucar, ovos para sujar, bananas como gozação do pênis, daria para explicar. Mas por que laranjas?*¹³

¹³ Trechos extraídos do artigo “Moralistas e ‘engraçados’ autorizam assassinos de transexuais e prostitutas”, de Contardo Calligaris, publicado na Folha de São Paulo em 20/10/2016.

{...}

A psicanálise ajuda: laranja não é só um fruto, é também o testa-de-ferro, que colocamos no nosso lugar quando estamos a fim de fazer algo escuso. Os estudantes [...] jogavam laranjas porque os travestis na rua eram os laranjas da tentação de eles mesmos, os estudantes, vestir peruca e sainha e vender-se pelas ruas. Laranjas nos laranjas.¹⁴

{...}

O Brasil tem o recorde de 100 travestis e transexuais assassinados na rua a cada ano.¹⁵

{...}

A morte da travesti Dandara desenha mais ou menos isso. Desde pequenos, nos ensinaram que o que for possibilidade, além de homem e mulher, é aberração. E se um macho não se casar com uma fêmea é o fim do mundo e viraremos pedras de sal.¹⁶

{...}

Talvez Dandara vire nome de uma lei, assim feito Penha¹⁷. Uma legislação que, na

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Trechos extraídos do artigo “Dandara e a Fortaleza descompensada”, de Demitri Túlio, publicado no jornal O POVO em 11/03/2017.

¹⁷ Maria da Penha, *Sobrevivi... posso contar*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

gravidade e na dor extrema, vá obrigar as escolas, a rua e dentro de casa a conversarem sobre o inconversável com crianças e adolescentes. E não precisaria ser assim. Nem morrer Dandara nem ferir, pra sempre, Penha.

{...}

Se tivéssemos repetido menos que viado (sic) é coisa pra se curar na reza ou peia, talvez cinco ou mais homens criados por mulheres não tivessem tanta sanha pra espancar e linchar Dandara com tamanha macheza. Ela e uma infinidade de gente.

{...}

Quem autoriza os apedrejadores ou “alaranjadores”? São os moralistas e os “engraçados”.

Os moralistas (fariseus e escribas) querem que o “pecado” seja punido. De fato, dessa forma, eles acabam incitando um fiel ou outro a apedrejar “a puta” ou “o veado” que representam tentações “culpadas”: mato “o traveco” para me liberar do traveco em mim.

E o “engraçado”? Pois é, o moralista denuncia os desejos, o “engraçado” pretende escondê-los, o que é pior. Os “engraçados” são os piadistas de padaria; eles permitem que seu público negue seus próprios desejos, que são transformados em objetos de riso e, graças ao riso, confinados nos outros. Nada a ver comigo; prova disso, estou rindo: olhe como é engraçado ver os travestis fugindo das laranjas, com saltos altos e trejeitos.¹⁸

¹⁸ Trechos extraídos do artigo “Moralistas e ‘engraçados’ autorizam assassinos de transexuais e prostitutas” de Contardo Calligaris, publicado na Folha de São Paulo em 20/10/2016.

{...}

Os perversos matam, exploram, abusam os seres humanos que Iracemas e Dandaras são. Quando não são mortas, recolhem-se ao desespero da manhã seguinte.

{...}

Não, eu não fugi, o que viu não foi uma fuga... foi um... sei lá, não sei como definir... [...] Se eu não tivesse corrido, eu estaria morta agora. Dez dias em andanças e não encontrei nada que me fizesse parar [...] Cada partícula enche meu corpo de desespero. O eu rachado. O eu fragmentado, fluxo de gente refluxo de mim. Um dia, há muito tempo, tive a ingenuidade de achar que os abandonos não me trariam vergões e agora trago todas as vigílias expostas na minha carne nua e imberbe. Amanheço e vomito bolas de pelo.¹⁹

{...}

Elas são fortes como a madeira amarga que nem cupim rói. Choram porque precisam refazer as nascentes que foram secadas pela maldade humana. Mas em suas fortalezas, podem se vergar ao extremo, mas não se quebram diante da dor profunda da exclusão social. Lutam e exigem a garantia de direitos iguais.

{...}

Poucos sabem que suas resistências são graças ao secreto “segredo da

¹⁹ Trechos extraídos de A Puta, de Márcia Barbieri. São Paulo: Terracota, 2014, p. 15-16.

jurema”²⁰ e ao mistério do sonho que elas guardam. Com as suas mãos, têm o poder de fabricar a “bebida de Tupã”.²¹

{...}

A armadura protetora que encobre os seus corpos não permite que o veneno do mal encontre passagem.

{...}

Como na canção de super-homem²², um dia elas viveram a ilusão de que o mundo masculino seria o bastante. Ainda, muito cedo em suas vidas, descobriram que o feminino que as habita é o que de melhor carregam consigo, é o que faz os seus corpos pulsarem de exuberância e doçura, é o que as fazem viver intensamente.

{...}

Conhecendo os poderes de Iracemas e Dandaras, todos agora se erguem iluminados pelos fachos da alegria. Os maracás da tribo humana respeitosa da

²⁰ “*Jurema*: Árvore meã, de folhagem espessa; dá um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual, juntamente com as folhas e outros ingredientes, preparavam os selvagens uma bebida que tinha o efeito do haxixe, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa sentia com delícias e como se fossem realidade as alucinações agradáveis da fantasia excitada pelo narcótico. A fabricação desse licor era um segredo explorado pelos Pajés, em proveito de sua influência. *Jurema* é composto de *ju* – espinho, e *rema* – cheiro desagradável.” In: ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*, de José de Alencar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 260-261.

²¹ Conforme citado em *Iracema: Lenda do Ceará*, de José de Alencar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 109.

²² “Super-homem, a canção”, de Gilberto Gil.

diversidade existencial rugem em comemoração à possibilidade de ser quem se é.

{...}

Ao longe, a música saudosa que agora se ouve com mais intensidade convoca a mudança profunda da humanidade: “amar e mudar as coisas, me interessa mais”²³.

{...}

*A tarde é a tristeza do sol. Os dias de Iracema [e Dandara] vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ela[s] a grande noite.*²⁴

O C U P E M
M U N D O S
I R A C E M A S
D A N D A R A S

Este **fim** é somente o **início** da mudança que queremos ser no mundo.

²³ Trecho da canção “Alucinação”, de Belchior.

²⁴ Trecho modificado de *Iracema: Lenda do Ceará*, de José de Alencar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 133.